

EU  
E  
VOCÊ

ALI CRONIN

Tradução  
RITA SUSSEKIND

**S E G U I N T E**

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © Penguin Books Ltd, 2013  
Todos os direitos reservados.

Publicado originalmente em inglês na Grã-Bretanha  
por Penguin Books Ltd.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL You And Me Always

CAPA E FOTO DE CAPA Paulo Cabral

PREPARAÇÃO Alyne Azuma

REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Mariana Cruz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Cronin, Ali

Eu e você / Ali Cronin ; tradução Rita Sussekind. —  
1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2014.

Título original: You and Me Always.  
ISBN 978-85-65765-42-8

1. Literatura juvenil I. Título.

14-04313

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura juvenil 028.5

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.seguinte.com.br](http://www.seguinte.com.br)

[www.facebook.com/editoraseguinte](http://www.facebook.com/editoraseguinte)

[contato@seguinte.com.br](mailto:contato@seguinte.com.br)



OLLIE E EU. Fomos melhores amigos, mais do que amigos e inimigos. Até outro dia eu simplesmente o odiava. É uma longa história. Mas agora aqui estamos nós, deitados na cama dele, enquanto ouvimos suas músicas favoritas, Ollie parando a cada faixa para me apresentar a próxima. Eu estava ouvindo, mais ou menos; mais do que isso, estava vendo. Ele parecia tão feliz, pulando de pé em pé como uma criança enquanto olhava as *playlists* e, em seguida, vindo me beijar ou me abraçar. Ollie tinha braços lindos. Ollie era lindo.

Também era, como descobri, meio complicado. Surpreendente. Como um típico menino, ele se afogava sozinho nos próprios problemas. Será que eu o teria detestado menos se soubesse que estava cuidando da mãe, ou que o pai estava tendo um caso, ou que ele tinha um problema no coração? Bom, é claro. Mas fazer o tipo forte e caladão não é desculpa para se comportar como um idiota. Ele tinha transado comigo,

dito que jamais queria me perder, e dois dias depois teve um ataque e terminou tudo.

Mudei de posição na cama. Ollie estava cantando uma balada, fazendo gestos que indicavam pura emoção. Eu o aplaudi, pois, apesar de bobo, ele ainda era incrível. Como forma de agradecimento, ele gritou “MONTINHO!”, pulou em cima de mim e cobriu meu rosto de beijos, enquanto eu me retorcia e gargalhava. E era *exatamente* por isso que eu não deveria estar pensando em tudo o que tinha acontecido até ali. Ollie era bobo e incrível, me abraçava o tempo TODO, e estava curado. De todas as formas, ele me disse. Como você pode não querer ficar com uma pessoa que diz essas coisas? Era novidade, só isso. Bem recente. Tínhamos resolvido “nos” dar uma chance fazia dois dias e estávamos indo devagar. Vim para a casa dele hoje de manhã, ele preparou um brunch, depois subimos. Mas sem sexo. Por enquanto, não. Não depois da última vez.

Ele deitou ao meu lado, ofegante pelo esforço de se jogar em cima de mim. Pegou minha mão e a colocou sobre o peito.

“Que tal?”

Senti uma pulsação firme, muito diferente do ritmo louco de antes.

“Perfeito”, respondi.

“Eu sei.” Ele sorriu e pegou minha mão. “Talvez eu corra a maratona de Brighton, ou algo assim, só porque posso.”

“Claro.”

“Certo.” Ele levantou se apoiando no cotovelo e mexeu as

sobrancelhas de um jeito travesso. “Ou então posso pensar em outra forma de me exercitar.”

Eu ri e rolei para longe dele. “Seu besta.”

Ollie foi a terceira pessoa com quem transei. Um ano atrás eu era virgem. E nunca, *nunca* teria imaginado que transaria com três pessoas diferentes em menos de um ano. Eu era tão careta em tantos sentidos — estudava muito, quase não bebia, não fumava, não perdia a linha em festas na casa de estranhos — que foi um alívio (e, para ser sincera, uma grande surpresa) descobrir que era capaz de fazer sexo. E adorar, para falar a verdade. Joe, o garoto com quem perdi a virgindade, era um babaca, mas não me arrependi de ter transado com ele. A única coisa que consegui extrair daquela triste história foi a descoberta do prazer de ficar nua com alguém. Se fosse para me arrepender de alguma coisa, seria de ter transado com Nathan, um menino com quem estava saindo até outro dia. Ele também era um idiota, mas, diferente do que aconteceu com Joe, eu não gostava tanto assim dele. A história toda tinha a ver com Ollie. Enfim, o sexo com Nathan foi bem mais ou menos, e só fizemos uma vez, porque decidi não transar com mais ninguém de quem eu não goste de verdade. Talvez não precisasse ter testado essa teoria para decidir disso, mas foi assim que aconteceu. Para uma garota inteligente, eu era um pouco burra em se tratando de meninos.

Antes de Nathan foi o Ollie, mas só por um fim de sema-

na. Foi o melhor fim de semana do mundo, com o sexo mais maravilhoso da história, mas depois ele me dispensou. Então dá para entender por que eu queria ser cautelosa.

“Hum... devo ter colocado para repetir a faixa”, ele disse, saltando da cama. Uma música de Laura Marling tocava pela terceira vez.

“Por que fez isso, bobão?”, perguntei, encarando sem pudor as costas dele. Ollie tem ombros largos e é forte. Gosto dos ombros dele.

Procurou Jay-Z, aumentou o volume e sorriu enquanto acompanhava o rap que dizia que tinha noventa e nove problemas, mas sua vadia não era um deles. Eu ri e joguei um travesseiro em Ollie, que acertou suas partes íntimas.

“AHH!” Ele se curvou. “*Caramba!*”

“Não machucou”, falei, ou tentei. Foi muito engraçado.

“Como você sabe?” Ollie colocou no aleatório e voltou para a cama, ainda amparando suas partes e fazendo careta.

“Pobrezinho.”

Ele riu.

“Aí, sim”, ele disse, deitando na cama. “Vem aqui.” Ollie me puxou para cima dele e me abraçou. Não sou magricela nem nada, mas ele é maior do que eu. “Hummm... AÍ SIM.” Ele se retorceu satisfeito. “Então, o que vamos fazer hoje?”, perguntou sonolento.

“Achei que estivéssemos fazendo *isto*. São, tipo, quatro da tarde, não são?”

“O dia é uma criança”, murmurou. “O sol está brilhando no céu... e está tudo bem... e tal...”

“Você está pegando no sono?”

“Claro que não.”

Enquanto ele roncava de leve, curti a sensação de segurança de estar nos braços dele durante os dois minutos que demorei para me inquietar e sair da cama. Dei uma olhada em como Ollie era lindo, depois desci em busca de comida.

Kelly, a mãe dele, estava lendo o jornal na mesa da cozinha. Eu gostava muito dela. Era jovem para uma mãe, engraçada e sempre gentil comigo. Também era bipolar, maníaca-depressiva. Tinha feito muitas pesquisas desde que Ollie contara para todos nós (incluindo nossos amigos Cass, Ashley, Donna, Jack e Rich). Kelly precisava de remédios para equilibrar o humor, que podia variar entre muito deprimida a perigosamente eufórica. Ela vinha sofrendo bastante nas últimas semanas, sem que a gente soubesse. O pai de Ollie a traía e era basicamente inútil, mas isso por si só não é necessariamente um gatilho para um episódio de mania ou depressão. Era chocante pensar que ela tinha uma doença e nunca soubemos. Não que devêssemos saber, mas você entende. Ela andava muito estranha nos últimos tempos, mas, quando perguntei, Ollie só disse que ela estava cansada e trabalhando demais. De todo jeito, Kelly está bem agora e, segundo Ollie, muito feliz por nós dois estarmos juntos. Gostei que ele se sentiu seguro o suficiente em relação a nós para contar para a mãe (eu ainda não tinha contado aos meus pais, em parte porque sentia arrepios só de pensar na reação deles, que achariam divertido e me dariam tapinhas

nas costas, e também por ter um medo bobo de que contar poderia estragar tudo).

Kelly levantou os olhos do jornal e sorriu.

“Oi! Tudo bem?”

“Tudo.” Torci para não ficar vermelha. Ela com certeza estava pensando que eu e o filho dela estávamos transando.

“Quer alguma coisa?”, perguntou.

Percebi que estava mexendo os pés como uma criança na sala do diretor. Bela maneira de parecer sofisticada. Encostei no batente da porta e tentei parecer casual e madura, mas estava longe demais e tive que apoiar o ombro para não tropeçar. *Controle-se, Millar*, pensei. *Você já está aqui*. Limpei a garganta.

“Hum... sim. Estava pensando se poderia pegar alguma coisa para comer.”

“Claro. Sirva-se. Sabe onde tudo fica?”

“Sei. Obrigada.”

Ela sorriu de novo e, em seguida, voltou para o jornal. Ainda constrangida, peguei a lata de biscoito.

“Tudo bem se...?”

Sem levantar os olhos, ela fez um gesto com a mão.

“Sim, claro. Pegue o que quiser.”

“Obrigada.” Fiquei ali um pouco, sem querer que parecesse que eu mal podia esperar para voltar para o corpo nu do filho dela, mas, assim que Kelly começou a me olhar outra vez, saí. O que eu podia dizer? “Está um dia lindo?”

Eu pretendia voltar para a cama, mas quando cheguei ao quarto Ollie estava deitado de bruços, espalhado por todo o



colchão. Não dava para não imaginá-lo pelado. Eu já tinha visto Ollie pelado, mas nunca tinha *prestado atenção*. Talvez eu fosse uma das poucas meninas da minha idade na região de Brighton que não tinham, aliás. Para dizer da maneira mais gentil possível, Ollie é um pegador. Ou era, até ficar comigo. Pensar nisso (coisa que acontecia muito) fazia eu me sentir feliz e nervosa. Sorrindo para mim mesma, estiquei o braço e puxei o elástico da cueca que estava visível acima da calça jeans.

“Ai”, ele resmungou.

“Chega para lá”, falei. “Trouxe biscoitos.” Subi na cama, e ele passou o braço pela minha cintura, se aconchegando. Vasculhei a lata. Biscoitos doces (quando Ollie e eu nos conhecemos, aos cinco anos de idade, no primeiro dia de aula, ofereci a ele um biscoito imaginário daquele mesmo tipo. Meu coração se alegrou um pouco ao ver que ele tinha desses na lata). Peguei um recheado de baunilha e mordi a camada superior.

Ele se mexeu e resmungou:

“Ótimo, agora a cama vai ficar cheia de farelos.”

“Melhor do que uma cama gozada.” Simplesmente saiu, droga. Por que eu estava adiando transar com ele de novo? Pelo que aconteceu antes, claro, mas eram águas passadas. Eu precisava superar.

Ele abriu um olho e me encarou.

“Isso foi bem grosseiro.”

“Eu sei. Sou bem grossa.” Raspei a camada do meio com os dentes de cima, meu coração disparado. Eu queria transar com ele. Estava com medo de transar com ele. ARGH!

“Você é linda”, ele disse, se apoiando no cotovelo e me beijando com vontade. Que delícia. Beijar era bom. Num acidente proposital deixei a lata de biscoito cair no chão. Ollie recuou e me olhou. “Agora são só farelos.”

Ri.

“Foi mal.”

Ele sorriu.

“Gosto de você, Sarah Millar.” Ollie parou, pelo jeito pensando em alguma coisa, e, em seguida, falou: “E quero que saiba que não culpo você por estar relutante em transar de novo. Também quero que saiba que é só me avisar quando quiser.” Ele deu um suspiro dramático e olhou distraído para a região da calça.

Eu ri.

“Obrigada, Ollie. Você é um cavalheiro.”

“Sou mesmo, não sou?” Ele passou o dedo pelo meu braço, para cima e para baixo. “Os beijos estão liberados?”

“Completamente”, concordei, puxando-o para mim.

Jantei com minha família naquela noite. Eu estava de ótimo humor, a única leve sombra no meu horizonte era o resultado das provas. Mas nesse momento não estava preocupada. Tinha semanas — de fato semanas — para ficar com Ollie, fazer compras com Cass e passar longas noites de verão no bar com Rich, Jack, Ashley e Donna. Tudo isso, e o sol estava brilhando. Eu era uma Sarah contente, o que, por algum motivo, estava irritando meu irmão, Dan.

“É óbvio que você está pegando alguém”, ele disse com sua voz ridícula de adolescente, enquanto estávamos à mesa diante de pão e rosbife. Estava com treze anos e tinha acabado de perder todo o controle sobre a própria voz. A pele estava cheia de espinhas, e ele não conseguia ficar cinco minutos sem levar a mão à calça para uma ajeitada nada rápida. A adolescência masculina é nojenta. Boa sorte para ele, porque, se continuar assim, nunca vai arrumar uma namorada.

“Daniel”, minha mãe avisou, séria.

“Não se preocupe, mãe”, falei. “Não tenho a menor intenção de responder.”

“*Menor intenção de responder*”, ele debochou com a voz fina. “Só um maluco ia querer chegar perto dela.”

“Ah, psicologia inversa?”, perguntei. “Muito sutil, Dan. Quase cáí nessa.” Meu humor estava tão bom que afaguei a cabeça dele. Dan desviou, mas não antes de deixar minha mão imunda de gordura e produtos de cabelo.

“Mãe, fala com ela”, ele resmungou, passando os dedos pelo cabelo, tentando refazer qualquer que fosse o *look* que estava tentando usar. Não perguntei, mas fiquei com a terrível sensação de que ele estava tentando imitar o Zayn Malik.

“Não se preocupe, não vou cometer esse erro de novo”, falei, esfregando a mão na calça. “Mas, enfim, por que está tão rabugento?”

“Não estou rabugento”, ele grunhiu.

“Parem com isso, vocês dois”, meu pai se intrometeu, irritado. “Estão se comportando como crianças de cinco anos.”

Nós dois paramos e o encaramos. Que exagero. Eu e Dan vivíamos de implicância. Era sempre assim.

No silêncio que se seguiu, meu pai levantou os olhos do prato, nos viu encarando e suspirou.

“Desculpem. Desculpem.” Levantou a mão e sorriu. “Só estou um pouco estressado. Tenho uma reunião com meu chefe amanhã.”

“Está tudo bem?”, perguntei. Meu pai era produtor de um canal de TV local. Trabalhava no noticiário, então os problemas em geral começavam quando chegava ao trabalho e terminavam com os créditos do programa. Eu nunca o tinha visto trazer problemas para casa.

“Ah, sim.” Ele engoliu. “Tudo bem... Só estou irritado por ter passado o fim de semana inteiro me preparando, só isso”. Sorriu. “Me ignorem.”

Olhei para minha mãe, mas ela estava cortando um pedaço de carne, com a expressão vazia. E como eu estava absurdamente feliz, até onde eu sabia, naquele momento o mundo era um lugar bom, então deixei para lá.

Eu não devia ter feito isso.